



## Uma sociologia crítica radical: Octavio Ianni no Cebrap e seus críticos

André da Rocha Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo investiga a relação entre parte da obra teórica e da trajetória profissional do sociólogo Octavio Ianni, sobretudo na década de 1970, em especial a radicalização de suas interpretações após o golpe de 1964, o endurecimento da Ditadura em 1968 e a cassação do seu direito de lecionar em 1969. Por meio principalmente de entrevistas, buscamos investigar as especificidades de certas divergências no interior do Cebrap, particularmente entre Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e José Arthur Giannotti, assim como examinar o porquê dessa circunstância.

**Palavras-chave:** Octavio Ianni; Sociologia crítica; Pensamento radical; Cebrap; Anos 1970.

### A radical critical sociology: Octavio Ianni at Cebrap and his critics

**Abstract:** *The paper investigates the relationship between part of the theoretical work and the professional trajectory of sociologist Octavio Ianni, especially in the 1970s, in particular, the radicalization of his interpretations after the 1964 coup, the hardening of the Dictatorship in 1968, and the cancellation of his right to teach, in 1969. Mainly through interviews, we sought to investigate the specifics of certain divergences inside the Cebrap, particularly between Octavio Ianni, Fernando*

1 Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Registro – Brasil – andrerochasantos@ifsp.edu.br – <https://orcid.org/0000-0001-8085-5305>

*Henrique Cardoso and José Arthur Giannotti, as well as to examine the reasons why of this situation.*

**Keywords:** *Octavio Ianni; Critical sociology; Radical thinking; Cebrap; Years 1960-1970.*

### **Una sociología crítica radical: Octavio Ianni en el Cebrap y sus críticos**

**Resumen:** El artículo investiga la relación entre parte del trabajo teórico y la trayectoria profesional del sociólogo Octavio Ianni, especialmente en la década de 1970, en especial la radicalización de sus interpretaciones luego del golpe de 1964, el endurecimiento de la Dictadura en 1968 y la pérdida de su derecho para enseñar en 1969. Principalmente a través de entrevistas, buscamos investigar las especificidades de ciertas divergencias dentro del Cebrap, particularmente entre Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso y José Arthur Giannotti, así como examinar el por qué de esta circunstancia.

**Palabras clave:** Octavio Ianni; Sociología crítica; pensamiento radical; Cebrap; Años 1970.

### Introdução

*“(...) toda a ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente (...)”*

(Karl Marx, 2017 [1894]: 1077)

Além de ser um dos fundadores da sociologia acadêmica no Brasil, Octavio Ianni (1926-2004) foi um competente e rigoroso intelectual marxista. Soube utilizar, de forma consistente, o método dialético, o materialismo histórico e a análise das classes sociais para elucidar – sem dogmatismos – temas caros à nossa realidade social: “Com sua produção, Ianni colaborou decisivamente para enriquecer essa imagem de esquerda, ou, mais precisamente, uma imagem marxista do Brasil” (Coutinho, 2009: 57).

Em uma trajetória complexa e multifacetada, tornou-se um dos grandes analistas críticos do nosso país, compondo – ao lado de nomes como Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Celso Furtado, Ruy Mauro Marini, Francisco de Oliveira, Carlos Nelson Coutinho, dentre outros – uma tradição intelectual de esquerda, uma estrutura de sentimento de nossa “brasilidade revolucionária” nos anos 1950-1960-1970, formada por intelectuais marxistas ou que

dialogavam com a cultura política da esquerda radical, nos termos formulados por Ridenti (2010).

Nessa trilha de meio século de diversificada produção e inquietação intelectual desde a conclusão da graduação (1954) até sua partida (2004), nossa intenção é explorar um período específico da sua *trajetória acadêmica*, em estreita relação com o seu *percurso profissional* no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), na década de 1970, no qual se coloca à esquerda, em oposição aos líderes que se deslocam ao centro e iniciam um processo de aproximação com a política partidária e com grupos empresariais. Ao tentar reconstruir esse contexto intelectual, baseamo-nos em determinados pressupostos teóricos, em especial de autores que discutiram importantes embates teóricos e políticos, como Bianchi (2007) e Botelho (2019).

Desse modo, retomar e tratar o debate entre Octavio Ianni e seus críticos no Cebrap, em seu conjunto nas circunstâncias das questões de sua época, torna-se fundamental na tarefa de buscar compreender com mais clareza as continuidades e descontinuidades teóricas em relação à tradição intelectual que integra (Botelho, 2019). Como sugere Bianchi (2007), de forma ampla, para compreender discussões desse âmbito, extremamente complexas, torna-se necessário se basear no pressuposto de que esses intelectuais estão empenhados em um confronto teórico contra adversários declarados e não declarados em uma cena histórica específica. É necessário, desse modo, “compreender o modo de operação desses intelectuais, a liturgia que lhes é própria e a opção política que essa liturgia revela e esconde ao mesmo tempo” (Bianchi, 2007: 49).

De forma cumulativa, portanto, nossa intenção é somar esforços e acrescentar contornos – principalmente no que se refere ao contexto intelectual – a uma análise de sua sociologia política já iniciada e muito bem delineada por, entre outros, Hirano (1996), Sallum Júnior (2002) e Coutinho (2009). Do mesmo modo, a crítica à obra de Octavio Ianni será trazida à tona com excertos de depoimentos de alguns de seus questionadores, em particular José Arthur Giannotti e Fernando Henrique Cardoso, acerca do período cebrapiano nos anos 1970, assim como trechos de entrevistas de personagens desse cenário que salientam essa reconstituição, como as de Francisco de Oliveira e Renato Ortiz.

A opção que privilegiou os testemunhos se fez presente pela própria característica que a compõe, ou seja, o tom coloquial da oralidade na qual se demonstram bastidores, preferências e/ou conflitos que não seriam expostos da mesma forma em um texto acadêmico e que, por vezes, a entrevista deixa escapar, intencionalmente ou não.

Destacamos, ainda, que uma das principais fontes de indagação dessa investigação advém do importante artigo *Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil*, na qual Lahuerta (2001), em nota de rodapé, comenta justamente o fato de não estar tratando em específico nem de Florestan Fernandes, nem de Octavio Ianni na sua reconstituição do Cebrap e seus desdobramentos, pois, segundo o autor: “Tal lacuna, a despeito da importância que os dois têm no cenário intelectual do país, justifica-se porque durante os anos setenta, ambos, ainda que de maneiras distintas, vivenciam um processo de *radicalização ético-ideológica* que os afasta da atividade política propriamente dita” (Lahuerta, 2001: 65, grifo nosso). Desse modo, a pergunta: o que foi essa radicalização?

A epígrafe que abre esse texto vai no mesmo sentido. Extraída do livro III de *O Capital*, a frase “(...) toda a ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente (...)” (Marx, 2017: 880) sintetiza um dos objetivos da presente investigação. Examinar as particularidades do pensamento de Octavio Ianni tem a intenção de questionar os sentidos dessa radicalização e buscar desvendar certa marca aparente de que o sociólogo simplesmente não se adaptava a determinados grupos, sem haver uma investigação mais elaborada das razões dessa conduta e quais as suas circunstâncias.

Assim, com base em uma reflexão de conteúdo mais ampla a respeito da relação entre *trajetória profissional* e *percurso intelectual*, colocam-se dois questionamentos principais: 1) como se deram as relações de aproximação e/ou de afastamento/tensão entre Ianni e determinados membros do Cebrap?; 2) como se deu a radicalização do seu pensamento – em especial sua concepção de Ciência no que diz respeito ao advento das Ciências Sociais e da Sociologia no Brasil – e como analisava os dilemas do trabalho intelectual no âmbito da reflexão teórica e política?

## Uma sociologia crítica radical?

“*Ser radical é agarrar a coisa pela raiz*”  
(Karl Marx, 2010 [1943]: 151)

A expressão *sociologia crítica radical* que dá título a este trabalho pode soar incomum à primeira vista, mas se torna melhor compreensível quando situamos a trajetória profissional e a produção teórica do intelectual Octavio Ianni, na década de 1970. Desse modo, torna-se indispensável examinarmos os três sentidos do adjetivo *radical* que queremos destacar e que dão significado a essa

tentativa de aproximação ao seu trabalho intelectual nessa época. Partir das análises de Antonio Candido, Michael Löwy e Gabriel Cohn acerca da relação entre intelectuais e radicalização nos pareceu a melhor alternativa de convergência teórica ao buscarmos situar a sociologia crítica desenvolvida pelo sociólogo uspiano.

Antonio Candido – ele também um dos representantes da radicalidade do pensamento no “combate às formas de pensamento reacionário” – fez considerações significativas sobre as principais características dessa perspectiva de reflexão (Candido, 1990 e 2011). De forma panorâmica, desenvolveu uma interpretação sobre o progresso representado pelo contexto dos anos 1930-40 de formação do pensamento de esquerda, que atingiu setores mais restritos, e o pensamento radical de classe média, que envolveu a maior parte dos socialistas e comunistas (Candido, 2011). Nesse cenário, é possível fazer aproximações entre as atmosferas social e política vivenciadas por Octavio Ianni, nascido em 1926, e Antonio Candido, apenas oito anos mais velho, em que pese a enorme diferença econômica e cultural de nascimento e juventude entre ambos.

Segundo Candido (2011), o ambiente que imperava nos anos 1930 e 1940 era fortemente influenciado pela Revolução de 1930 e pelo Estado Novo no plano interno, assim como condicionado pela crise de 1929 no cenário externo. É o panorama no qual “o social adquiriu grande importância na consciência dos intelectuais, as ideias políticas se extremaram e houve a polarização fascismo-socialismo. No meio, ficava uma coisa mais ou menos incaracterística, a que o intelectual fugia, indo mais para a esquerda” (Candido, 2011: 05).

Da mesma maneira, o círculo configurado pela Faculdade de Filosofia da USP naqueles decênios fornecia outros ingredientes decisivos para a formulação do pensamento radical, favorecido pelo espírito de crítica que se refletia na produção intelectual. Sobre esse momento, ainda de acordo com Candido (2011):

E a tudo isso que chamo genericamente de “pensamento radical”, sem fazer caso dos matizes. A partir do decênio de 1930 ele foi a primeira formulação coerente, em nível institucional, da classe média progressista, que deste modo se exprimiu, não como cupincha da oligarquia, mas como categoria autônoma. Para muitos isso parecera ridiculamente pequeno-burguês. Mas em perspectiva histórica é muito ponderável e positivo, porque significa a radicalização da classe média nas instituições culturais, com todo o deslocamento para a frente que isto implica em relação as posições tradicionais (Candido, 2011: 06).

Dessa forma, o primeiro sentido de radical se refere à noção de *geração*, uma geração do contra (Candido, 1978): “Confesso que, por toda a minha vida, mesmo nos momentos de mais agudo esteticismo, nunca fui capaz de perder a preocupação com os fatores sociais e políticos, que obcecaram a minha *geração* (...)” (Candido, 2011: 06, grifo nosso), ou seja, o ambiente social e político no qual “o radical serve à causa das transformações viáveis em sociedades conservadoras como a nossa, cheias de sobrevivências oligárquicas, sujeitas ainda por muito tempo à interferência periódica dos militares” (Candido, 1990: 05).

Também Löwy (1979) nos dá elementos teóricos adicionais para pensarmos outra acepção do atributo radical que se ajustam à presente investigação. Ao analisar a evolução política do jovem Lukács, fez considerações mais gerais sobre as causas que levam o intelectual a se tornar anticapitalista, entendendo a alternativa radical como aquela “que visa atuar sobre a causa profunda dos efeitos que se quer modificar” (Löwy, 1979: 04). Um desses elementos é o papel que pode desempenhar um trauma ético-cultural dado por uma conjuntura social e política específica:

Para Lukács e sua geração, a Primeira Grande Guerra foi, provavelmente, a demonstração mais clara do abismo existente entre as tradições humanistas da cultura clássica e a realidade concreta da sociedade burguesa e do mundo capitalista (Löwy, 1979: 07).

Assim, reforçamos essa segunda acepção que pode influenciar na radicalidade do pensamento: o *trauma ético cultural*, ou seja, a comoção causada por um determinado evento histórico que poderá apontar ao intelectual uma orientação política a ser seguida ou que ele deva se aproximar, como foi o caso do caminho socialista percorrido por Lukács enquanto direção contrária ao outro polo de que se queria distância: o fascismo em ascensão. “Tal radicalização pode eventualmente levar uma fração da pequena burguesia e da *intelligentsia*, que se encontra à frente no combate pela liberdade e pela democracia, a romper violentamente com a burguesia e a se tornar socialista” (Löwy, 1979: 05).

Com base nessa premissa, portanto, foi que a geração de intelectuais brasileiros atuante nos anos 1960 sentiu o seu abalo – a instauração da Ditadura. No caso de Octavio Ianni, esse contexto fez com que ele aprofundasse a reflexão anteriormente construída e o levou a investigar – e buscar desnudar – as contradições da historicidade capitalista que se queria transformar.

Por fim, Gabriel Cohn (2004) aponta de forma específica como a produção intelectual de Ianni foi desafiada pelo contexto das questões de sua época e reagiu com a única arma disponível – a crítica sociológica radical – à

violência da Ditadura em seu processo de asfixia às classes subalternas, aos artistas e intelectuais. O aprofundamento dessa visão não foi acompanhado por alguns de seus pares no Cebrap, como veremos. No exame de sua última obra do período cebrapiano – *A ditadura do grande capital* (1981) –, Cohn destacou esta característica:

*A marca das circunstâncias* impregna diretamente o texto: duro, anguloso, movendo-se por espasmos à falta de oxigênio. É o lado aguerrido do intelectual atento a seu mundo, que mobilizou todas as suas forças para combater o regime que via como cortando o já difícil avanço da democratização da sociedade brasileira (Cohn, 2004: s.p., grifo nosso).

À vista disso, enfatizamos a última percepção de radical que gostaríamos de destacar, isto é, aquela que se apresentou como *resposta intelectual* à raiz dos desafios postos pelo desenvolvimento histórico-político do país e à conjuntura repressiva da década de 1970. Tal resposta manteve o posicionamento em contraponto àqueles que de alguma forma contemporizaram certos aspectos relativos à Ditadura, mesmo essa postura tendo causado momentos de tensão política e discordância teórica no seu ambiente de trabalho.

Nesse sentido, vistos em conjunto, a hipótese que será discutida aqui é a de que podemos situar a elaboração ianniana do período na dinâmica de uma obra construída de modo cumulativo, direta ou indiretamente associada às contribuições anteriores e naquilo que de forma ampla e provocativa Brandão (2010) chamou de “pensamento radical de classe média” e “marxismo de matriz comunista”, estes frutos legítimos da “nossa revolução” (Brandão, 2010: 30).

Esta citada tradição intelectual crítica, como lembrou Carlos Nelson Coutinho, teve início com Caio Prado Júnior, continuidade com Florestan Fernandes e sequência com Octavio Ianni (Coutinho, 2011). Além disso, seguiu seu curso em paralelo e diálogo com outros nomes das ciências sociais brasileiras e que, no decênio de 1970, impelida pelas circunstâncias, aprofundou as investigações que vinculavam política e sociedade, e, de forma mais precisa, Estado e sociedade, ambicionando especificar as bases sociais e a dinâmica social da política originada na formação social brasileira.

## Ditadura, marxismo e o dilema em relação ao Cebrap

*“Alguns foram renitentes em vir para o centro (...), como o Octavio Ianni, que acabou vindo, mas tinha uma certa desconfiança das instituições privadas”.*

(Fernando Henrique Cardoso, 2019, s.p.)

O golpe de 1964 e a instauração da Ditadura tiveram impactos expressivos na vida social e política brasileira. No universo intelectual das ciências sociais uspianas, o seu primeiro desdobramento foi a desarticulação de certos grupos e projetos em andamento. Um desses núcleos dispersos foi a primeira geração do Seminário d' *O Capital*, ou Seminário Marx.

O grupo multidisciplinar de recém-professores que se reuniu entre 1958 e 1964 para estudar a obra de Marx e outros autores como Lúkacs e Sartre, era formado inicialmente por José Arthur Giannotti (Filosofia), Fernando Novais (História), Ruth Cardoso (Antropologia), Paul Singer (Economia), Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso (Sociologia) e dele também fizeram parte, com “estatuto de aprendizes”, alguns estudantes como Roberto Schwarz (Crítica Literária), Bento Prado Júnior (Filosofia), Francisco Weffort (Ciência Política) e Michael Löwy (Sociologia) (Rodrigues, 2011).

A influência do Seminário não tardou a se fazer presente nas formulações intelectuais do cientista social Octavio Ianni, que, assim como Fernando Henrique Cardoso, introduziu pioneiramente na USP cursos sobre Marx “quando antes ele era estudado de forma mais ou menos difusa como um dos precursores da moderna ciência social ou de forma apologetica pelos grupos marxista-leninistas” (Sorj, 2001: 20).

Na sequência de Florestan Fernandes, Ianni e outros, como Paul Singer, Fernando Henrique Cardoso e José Arthur Giannotti foram aposentados arbitrariamente por ato do Ministério da Educação e Cultura, baseado no Ato Institucional n. 5 (AI-5) – em abril de 1969 –, e alijados de suas funções docentes e de pesquisador na USP. Já o Ato Institucional n. 10 do mesmo ano barrou as portas de instituições de ensino e pesquisa aos aposentados compulsoriamente. Na prática, era o sufocamento financeiro e, sobretudo, intelectual desses recém-professores que foram aposentados com os vencimentos proporcionais ao tempo de serviço.

Foi, portanto, nesse clima adverso que um grupo de intelectuais, historicamente vinculados à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, liderados por José Arthur Giannotti e Fernando Henrique Cardoso, desenvolveram uma experiência alternativa de resistência acadêmica com a fundação, em maio de 1969, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).

De acordo com Sorj (2001: 34-35): “O núcleo inicial do *staff* de pesquisadores seniores do Cebrap, era constituído por sete integrantes: Juarez Brandão Lopes, Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer, Elza Berquó, Cândido Procópio Ferreira Camargo, José Artur Giannotti e Octávio Ianni, este último a partir de 1970”. Posteriormente, outros nomes se integraram à instituição, quebrando um



pouco a tradição paulista/uspiana do Centro, como o pernambucano Francisco de Oliveira, os mineiros Vilmar Faria, Bolívar Lamounier e Vinícius Caldeira Brant e o carioca Luiz Werneck Vianna, entre outros (Lahuerta, 2001).

Sorj (2001), em obra que reconstitui a trajetória do Cebrap, afirma que a sobrevivência do Centro à repressão se deveu principalmente a dois fatores: o financiamento da Fundação Ford, que consistiu em uma fonte estável e volumosa de renda até 1976, e o bom relacionamento que alguns membros conservavam com setores liberais do empresariado, da Igreja Católica e da classe política de São Paulo. O acordo de financiamento com a Fundação Ford não foi bem visto por todos, mesmo com a Fundação se comprometendo a não estabelecer critérios de avaliação sobre a futura produção do Centro. Foi o caso de Octavio Ianni, que “no início não participou da criação do Cebrap – pois se opunha ao financiamento da Ford —, veio, um ano depois, integrar-se” (Sorj, 2001: 32).

Fernando Henrique Cardoso (2019) relata nessa passagem uma história similar, no entanto, substituindo a contrariedade de Ianni por uma “desconfiança das instituições privadas”:

Ninguém do centro tinha, que eu soubesse, ligação com a luta armada. Nem eram pessoas diretamente orientadas pela vida política. Alguns foram renitentes em vir para o centro por isso, como o Octavio Ianni, que acabou vindo, mas tinha uma certa desconfiança das instituições privadas. Florestan Fernandes, por exemplo, nunca veio. Mesmo nós tendo trabalhado juntos, eu como seu assistente. Acabou indo para o Canadá (Cardoso, 2019).

Em todo caso, fica patente que a vinda de Ianni para o Centro não se deu de forma natural e previsível, como seria de presumir entre colegas que frequentaram a mesma faculdade – primeiro como alunos, depois como docentes –, o mesmo grupo de estudos, o seminário Marx, e a mesma equipe de pesquisa, o Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit). Portanto, é possível supor que certas discordâncias já haviam se manifestado.

Já no Cebrap, Ianni chegou a ser preso em abril de 1970 pela operação Tarrafa, acusado de subversão junto com outros professores da USP, como a historiadora Emília Viotti da Costa. Em testemunho, José Arthur Giannotti descreveu esse ocorrido:

Eu me lembro de um episódio significativo. Estávamos num mesão, quando apareceu um oficial para prender o Octávio Ianni. Nós fizemos que se identificasse – ele nunca imaginou que ao prender alguém iriam pedir seu documento – e até mesmo saí junto com o Octávio e fui até o carro da polícia.

Lá estava a Emília Viotti, que nem percebi, mas Emília, olhando a lista, viu que o próximo a ser preso seria eu, que deveria ser encontrado na Aclimação (2009: 59).

O fato é que a queda substancial na remuneração devido à aposentadoria compulsória e a cassação do direito de lecionar no país dificultavam bastante a situação de um professor de classe média com família já constituída. Sem as mesmas condições de lecionar no exterior tal qual Florestan Fernandes, que recusou o convite do Cebrap e se impôs um exílio na Universidade de Toronto, no Canadá, Ianni – mesmo ressabiado – aceitou a proposta no intuito de criar um ambiente em que pudesse continuar a desenvolver seu trabalho. O desafio agora seria, nessas condições, combater intelectualmente a Ditadura, criar perspectivas críticas para o país e, o mais importante, manter a autonomia intelectual, questão basilar para o sociólogo.

## Octavio Ianni e seus críticos

*“Acho que houve dois momentos de tensão no Cebrap.  
Primeiro com o Octávio Ianni (...)”*  
(José Arthur Giannotti, 2009: 63)

Não parece ser um equívoco afirmar certo incômodo vivido por Ianni nos anos em que foi pesquisador do Cebrap, entre 1970 e 1981, aproximadamente. No início, havia a contrariedade política em trabalhar em uma instituição com financiamento empresarial norte-americano – um dos responsáveis diretos pelo golpe de 1964 –, assim como tão perto da elite empresarial e política paulista, como fica evidente em Sorj:

O segundo fator que contribuiu para que o Cebrap conseguisse arraigar-se num contexto de condições particularmente adversas foram os vínculos que alguns de seus membros tinham com os setores liberais da elite – sobretudo paulista (entre os empresários – todos com forte orientação intelectual – destacam-se os nomes de José Mindlin, Celso Lafer, Oswaldo Gusmão, P. Farkas e, entre os políticos, Paulo Egídio e Severo Gomes). Em 1970 Frank Bonilla, num memorando escrito na qualidade de consultor da Fundação Ford, manifestava a impressão de que o Cebrap não seria atingido pela repressão política precisamente devido a seus vínculos “bastante diversificados, tanto ao nível dos indivíduos como ao nível de relações com instituições” (Sorj, 2001: 33).

O principal articulador entre o Cebrap e os grupos empresariais e políticos – nacionais e internacionais – era Fernando Henrique Cardoso, que, além de destacar sua discordância política com Ianni, não esconde certa divergência teórica em torno do pensamento de Marx desde os tempos do Seminário d’*O Capital*:

Uns não se integraram muito bem. O Ianni nunca se integrou propriamente, nunca se sentiu à vontade no Cebrap. Primeiro porque ele sempre teve muitas resistências ideológicas quanto ao financiamento da Fundação Ford, e também porque ele tinha uma visão... Não quero ser injusto, mas eu diria uma visão mais mecânica na análise do processo histórico; a forma como ele assimilou a leitura do Marx do seminário foi menos matizada (Cardoso, 2009: 39).

A controvérsia teórica com Ianni acerca do marxismo desde os tempos do Seminário até o Cebrap também é sublinhada por outro membro importante do centro de pesquisas, José Arthur Giannotti:

Acho que houve dois momentos de tensão no Cebrap. Primeiro com o Octávio Ianni, que cada vez mais adotou uma linha de interpretação do marxismo, que a meu ver era ideológica, sem grandes questionamentos. Desde os tempos do Seminário do Capital me parecia que ele cortava os problemas a facadas. Se, de um lado, eu estava interessado na coerência e nas condições de possibilidade do discurso marxiano; de outro, estava buscando seus pontos de indefinição. Eu me lembro muito bem que, ao estudarmos o capítulo sobre a queda tendencial da taxa de lucro, o próprio Singer, que comandava o seminário, insistia que daquelas análises era impossível extrair uma tendência homogênea que levaria ao fim do capitalismo. *Ianni nunca perdeu a crença na Revolução*, sempre insistiu num certo automatismo da luta de classes. Mas isso fez com que se sentisse pouco integrado ao Cebrap, veio depois da sua fundação e saiu logo que pôde. Depois foi para Campinas, e as coisas se acalmaram (Giannotti, 2009: 63, grifos nossos).

Nesses depoimentos, fica evidente a dupla discordância instaurada: política, em relação à proximidade do Cebrap ao poder econômico e político-partidário, e teórica, no tocante ao pensamento de Marx. Na fala de Giannotti, isso parece ficar bem destacado: “Ianni nunca perdeu a crença na Revolução”.

Nesse sentido, outras fontes e alguns personagens realçam essa reconstituição. É o caso de Francisco de Oliveira, figura destacada do Cebrap que, em diferentes depoimentos, relatou afinidades e divergências no grupo. Inicialmente convidado por Ianni para o Centro, por muitos anos Oliveira também compartilhou a

mesma sala de trabalho com Giannotti (Giannotti, 1984: 13), mantendo boas relações com ambas as perspectivas. De acordo com Francisco de Oliveira:

Eu era muito amigo do Octavio. Nós o levamos várias vezes para cursos na SUDENE. E ele foi uma das pessoas que me acolheram. Nós nos tornamos muito amigos. Eu não tinha nada a ver com as intrigas de São Paulo, eu não sou daqui, portanto não sabia. Eu sabia que o Fernando Henrique, que fazia par com ele, tinha uma *diferença* (Ridenti e Mendes, 2012: 602, grifo nosso).

Fica claro nessa passagem o enfrentamento que ocorria nas “intrigas de São Paulo” e como a “diferença” entre Ianni e Fernando Henrique era perceptível. Uma disputa que vinha ainda do tempo em que ambos eram assistentes imediatos de Florestan Fernandes (Rodrigues, 2011). No trecho seguinte, um pouco mais extenso, mas revelador, Francisco de Oliveira fala sobre a saída do Centro de nomes importantes na segunda metade da década de 1970, além da retirada de Ianni no início dos anos 1980:

A situação do CEBRAP era assim: ele ganhou muito prestígio externo, passou a ser uma referência, e isso entrou lá dentro de forma bastante danosa. Em primeiro lugar, afastaram-se vários dos fundadores. O Fernando Henrique foi para a política e nunca mais voltou. O Chico Weffort saiu, fundou o CEDEC, e também nunca mais voltou. O Bolívar Lamounier, que era uma voz dissidente, sempre, também saiu, fundou o IDESP e não voltou mais. O Octavio [Ianni] saiu por outras razões. Octavio saiu porque o italiano via longe. Ele me disse uma vez, quando a gente estava de mudança da Rua Bahia para a Alameda Campinas, que foi uma mudança que durou uns três anos. Depois é que o CEBRAP foi para essa que é a sede dele hoje. A gente estava se mudando, arrumando gaveta, arrumando escritório e tal, e o Octavio não arrumou nada. Eu dizia: “Mas você não está...”, e ele dizia: “Não, eu não vou ficar aqui. O que nos uniu já passou e daqui pra frente vai ser outra coisa”. E aí ele retirou-se, desde aqueles anos. Então, essa projeção externa trouxe uma luta que, pelo menos, talvez numa visão romântica, destruía aquele instituto que havia sido muito estimulante (Ridenti e Mendes, 2012: 612).

Por fim, uma última citação de Oliveira sobre Ianni na qual, mais uma vez, manifesta o combate de posições intelectuais travado no Centro:

O Octavio tinha uma presença muito forte. Ele era do quadro do CEBRAP, então ele estava em todos os debates, todas as intervenções. Ele sofria uma discriminação do Fernando Henrique, segundo diziam. Mesmo eu, que era

recém-chegado, que não conhecia essa transa mítica, percebia no ar que ali havia um *problema* (Ridenti e Mendes, 2012: 612, grifo nosso).

À vista desses depoimentos, fica evidente como uma das principais divisões ocorridas no Cebrap foi entre Ianni e o grupo dos fundadores capitaneados por Fernando Henrique e Giannotti. Ao ser indagado sobre sua obra de maior influência, *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, escrita com Enzo Faletto, Fernando Henrique, em um trecho esclarecedor do seu pensamento político, expõe essa controvérsia com Ianni:

Nós argumentamos no livro que não se pode imaginar que só possa haver desenvolvimento no âmbito de um Estado nacional, que proteja a economia e isole o país. Afirmávamos que pode haver um tipo de desenvolvimento “dependente-associado” (como o qualifiquei mais tarde) e, portanto, apesar da dependência, pode haver desenvolvimento. (...) Estava equivocada, portanto, a ideia do Partido Comunista de que no Brasil não podia haver crescimento econômico porque o imperialismo não queria isso, queria a agricultura com base no latifúndio. Isso fora válido no passado, antes das multinacionais dispersarem o processo produtivo pelo mundo. Depois que isso ocorreu, na década de 1960 e de 1970, havia crescimento econômico real e a classe operária estava nitidamente se expandindo. Quando eu disse isso num seminário no México, o Octávio Ianni quase me matou: *achou que eu estava aderindo ao regime militar*. Eu não estava aderindo a nada: estava dizendo que havia crescimento, embora me repugnassem as formas políticas autoritárias (Ianni, 2009: 29-31, grifo nosso).

A contenda de Ianni com Fernando Henrique parece ter ficado mais evidente no âmbito político: “(...) Octávio Ianni quase me matou: *achou que eu estava aderindo ao regime militar* (...)”, nas palavras de Fernando Henrique Cardoso. O abrandamento das críticas à Ditadura e as demasiadas concessões ao Regime Militar, expressas principalmente em *Dependência e desenvolvimento na América Latina* (1969) e em *Autoritarismo e democratização* (1975), de Fernando Henrique, além da conciliação com a elite liberal e, na sequência, com a política partidária, seguramente foram fatores que deixaram inquestionáveis a *diferença* e o *problema* relatados por Francisco de Oliveira na relação de discordância entre Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso.

Na perspectiva de Ianni, na mesma medida em que Fernando Henrique e o Cebrap, ao longo da década de 1970, aproximavam-se do poder econômico e político – o Cebrap auxiliou no plano de governo de Ulisses Guimarães à

presidência pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em 1974, e Fernando Henrique foi candidato ao senado pelo mesmo partido, em 1978 – a crítica sociológica independente era prejudicada, em nome da participação cada vez maior em determinados espaços de poder.

Essa percepção de Ianni acerca do colega é externada pelo próprio autor em entrevista a Héliogio Trindade, na qual esclarece pontos dessa divergência de concepção ao discorrer sobre a pesquisa conjunta referente às relações raciais no Sul do país e, na sequência, sobre os anos 1960:

O Fernando, nessa época, também manteve o compromisso com a universidade. Mas, a partir de certo momento, ele começou a participar de colegiados, e a impressão que eu posso dar é de que já estava evidente que ele estava interessado numa carreira eminentemente política. Primeiro, dentro da universidade; depois, com a aceleração dos acontecimentos, ele assumiu, imediata e ostensivamente, um projeto de carreira política. Mas isso foi durante a sua estada no exterior. Foi depois do golpe que se posiciona. Tanto que, quando ele regressou e se candidatou à cátedra de Política, ele já estava desligado da universidade; ele não estava com um compromisso na atividade de ensino e pesquisa. Ele estava muito antenado com a política, claro que a política num nível mais acadêmico, mas também já tendo em conta outros espaços da política fora da universidade (Ianni, 2012: 74-75).

Na outra ponta, o confronto de Ianni com Giannotti parece ter ocorrido de forma mais evidente em torno da teoria, em especial, do marxismo. Em uma discussão que não será aprofundada aqui, em determinados momentos, a perspectiva de Giannotti parece ter buscado “liquidar” a filosofia radical de Marx, questionando as possibilidades históricas da classe operária enquanto ser social, com o banimento da revolução (Rago Filho, 2008). Nada mais distante da abordagem de Ianni naqueles anos que, por mais que estivesse centrada na crítica do presente, nunca perdeu o foco nas transformações sociais de caráter democrático e emancipatório nas quais as classes subalternas teriam papel protagonista.

### A crítica sociológica levada ao limite

*“(…) ciência é ciência; doa a quem doer.”*

(Octavio Ianni, 2012: 83)

Mesmo não se integrando plenamente ao Centro e em oposição aos principais porta-vozes, foi nessa fase que Ianni publicou algumas de suas mais

fecundas análises sobre a realidade social e política brasileira. De acordo com Gabriel Cohn:

É provável que seja o Ianni das obras de maior fôlego, dedicadas à reconstrução de diferentes momentos e dimensões do desenvolvimento capitalista no Brasil e também na América Latina, que mais diretamente ocorra à memória de quem tenha tido contato com sua vasta produção – sobre relações raciais e de classe, sobre o Estado e o capitalismo vistos pelo ângulo da sociedade, sobre a fase populista da organização política de sociedades como a brasileira e a mexicana, sobre os grandes temas enfim (Cohn, 2004, s.p.).

Na entrada dos anos 1980, Octavio Ianni deixou o Cebrap. Mais uma vez, é Francisco de Oliveira quem nos elucidava, agora relatando uma conversa com Ianni:

Perguntei-lhe se não gostaria de compartilhar comigo um dos gabinetes, pois na maior parte dos casos os espaços teriam de ser para dois pesquisadores, salvo os da direção. Respondeu-me, sem afetação, sem amargura e sem ressentimentos: eu não estarei nesta casa, Chico. Porque o que nos uniu, a ditadura, está se esgotando, e um simples projeto intelectual, além do mais pouco preciso, não será capaz de nos manter unidos. Estávamos em 1981, e a ditadura somente seria escorraçada em 1984. Outra vez era o domínio da ciência social que o levava a tais previsões, e não nenhum mau humor passageiro ou permanente, nenhuma ilusão. Muitos anos foram necessários para que eu próprio avaliasse aquela previsão de Octavio (Oliveira, 2009, orelha).

Sobre essa questão, e de modo elucidativo, o próprio Ianni expõe suas razões e interpreta essas circunstâncias. Em entrevista, descreve o fato de o Cebrap ter se afastado da crítica – elemento fundamental da análise científica independente – e se aproximado de uma visão ideológica, a exemplo do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), no Rio de Janeiro:

(...) eu achei que era conveniente participar do projeto CEBRAP, apesar de que pouco a pouco foi ficando evidente que ele estava se transformando numa instituição que começava a ser instrumentalizada pelos partidos políticos. A partir de certo momento, o Fernando Henrique engajou diretamente o CEBRAP nesse projeto. Daí eu comecei a me desligar um pouco, me afastei e, quando tive um convite da PUC em 1979 fui embora. Eu fiquei até 78 no CEBRAP e então fui para a UNICAMP. Agora, é interessante, isso foi uma grande ideia: *o CEBRAP é o ISEB da USP*. O CEBRAP, que nasceu

com a melhor das intenções e carreando um pessoal que tinha experiência boa, a maioria de nós já éramos doutores, tinha um potencial bom de trabalho científico, devido à indução dos financiadores, dos temas de pesquisa e devido aos comprometimentos crescentes de vários colegas com partidos, não só o Fernando Henrique, também o Serra e outros – inclusive com o PT como o próprio Paul Singer –, então acontece que o CEBRAP terminou por ser o ISEB da USP. Em uma entrevista que eu li do Giannotti em algum momento, ele coloca que o CEBRAP agora é uma escola de governo, quer dizer, era o que o (Hélio) Jaguaribe queria fazer com o ISEB (IANNI, 2012: 85-86, grifo nosso).

Na passagem seguinte, faz observação importante sobre Fernando Henrique Cardoso e a sua “transição” da ciência sociológica para a política partidária:

Hélgio Trindade: No CEBRAP aparece esse ensaísmo com objetivos políticos militantes?

Octavio Ianni: É um ensaísmo totalmente militante. Aliás, já no trabalho que o Fernando fez sobre a burguesia industrial, que deveria ser um trabalho bem rigoroso e comprometido com uma reflexão sobre como é que o setor industrial do Brasil estava se posicionando com relação à industrialização, com relação ao Estado, já está evidente uma opção ou uma adesão a uma visão na qual esquecem as outras categorias sociais. Intencionalmente, ou não, ele já estava *transitando* para uma visão mais instrumental da reflexão (Ianni, 2012: 84, grifo nosso).

Ficam manifestos, desse modo, os diferentes modos de pensar, os distintos trilhos percorridos desse contexto intelectual. De um lado, o deslocamento dos líderes do Cebrap ao centro e em direção à política partidária liberal de oposição, o MDB, de outro, o caminho trilhado por Ianni à esquerda e vinculado à crítica científica que nos anos 1970 seguiu os caminhos do marxismo e da universidade e vivenciou um processo de radicalização ético-ideológica que o afastou de qualquer moderação em relação à Ditadura e o distanciava de agremiações partidárias e/ou grupos empresariais. De acordo com a avaliação de autores como Gabriel Cohn e Carlos Nelson Coutinho, *A ditadura do grande capital*, de 1981, foi a culminância melhor acabada de crítica e rigor sem concessões ao Estado ditatorial.

Enquanto referência, de modo amplo, outras opções igualmente marcantes foram as escolhas de Francisco de Oliveira e Paul Singer, que igualmente caminharam à esquerda, mas permaneceram no Centro por mais tempo e a



alternativa de Francisco Weffort, que deixou o Cebrap para constituir o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec), em 1976. Os três intelectuais, posteriormente, integraram o Partido dos Trabalhadores (PT) a partir de 1979.

De acordo com Ianni, segundo suas próprias palavras na mesma entrevista:

(...) aqui retornamos aos problemas de Marx e de Weber: *ciência é ciência; doa a quem doer*. O problema pode ser o mais grave e urgente, mas o que conta, preliminarmente, é a consistência lógica da reflexão, da análise, da demonstração e do conceito (Ianni, 2012: 83, grifo nosso).

Ao que tudo indica, portanto, Ianni não abria mão desse imperativo: sociologia é ciência e, como tal, deve ser autônoma, radical e independente. Nessa opção pela ciência sociológica, optou pelo marxismo como interpretação de ciência social, sem deixar de incorporar criteriosamente outras teorias sociais em temáticas específicas, como Max Weber em sua defesa da independência do trabalho científico:

Ou o cientista social reconhece e procura controlar as condições e implicações políticas da sua produção intelectual, ou ele se transforma num *instrumento* – ativo, dócil, resignado – dos interesses políticos, econômicos, militares, religiosos e outros, alheios ou mesmo adversos ao seu próprio trabalho (Ianni, 1975: 116, grifo nosso).

Fica evidente, desse modo, a diferença fundamental entre Ianni e seus críticos. Segundo Renato Ortiz (2004), em entrevista, o ponto de inflexão tem a ver com a compreensão do *trabalho intelectual*:

(...) Ianni tem uma trajetória e uma atitude intelectual que podem ser contrastadas com Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso. Florestan Fernandes cultivava essa atitude de uma autonomia do campo das ciências sociais, de uma soberania do pensamento, mas no final da vida a substituiu pela ideia de militância política. Fernando Henrique interrompe mais prematuramente seu trabalho intelectual e se torna um político, o que evidentemente é seu direito de escolha – e teve um êxito muito grande em sua carreira, já que chegou à presidência da República. Porém, é importante entender que essas escolhas têm implicações no universo do pensamento (Ortiz, 2004: 06).

Ainda de acordo com Ortiz, no mesmo testemunho:

O Octavio percebia muito bem que este engajamento na política era contraditório com o engajamento com o pensamento. Isso não significa que ele

não tinha concepções políticas, ou tampouco que não se interessasse por questões desta ordem. Pelo contrário, são as contradições sociais (racismo, desigualdade) e políticas (socialismo, totalitarismo, terrorismo mundial) que nutrem seu pensamento e sua reflexão crítica. Quando digo atitude é porque a soberania do pensamento não pode ceder às exigências do partido político, do Estado, do sindicato ou dos movimentos sociais. Daí sua trajetória se inclinar para um outro lado. Fernando Henrique é um ex-sociólogo. Às vezes, é um pouco desagradável dizê-lo de forma tão explícita, mas é isso. Quando ele diz, ou a ele é atribuída a frase, “esqueçam o que escrevi”, significa que ele deve de ser julgado por outros parâmetros, distintos do mundo acadêmico. No que ele está certo, pois na política, as questões são outras. O problema é que muitas vezes nas falas do ex-presidente existe uma ambiguidade, uma espécie de contrabando do universo da política para o universo do pensamento acadêmico. Octavio tinha uma enorme dificuldade em aceitar isso. Estou inteiramente de acordo, na medida em que o campo acadêmico não pode ser submetido à lógica da política, nem da mídia, assim como às imposições do senso comum. É necessário um grau de autonomia, de soberania (Ortiz, 2004: 06).

Como analisa Botelho (2004: 06): “justamente porque não concebia as relações entre conhecimento sociológico e formulação política de modo mecânico, o tema da responsabilidade era central para Octavio Ianni”. Nesse sentido, para um entendimento justo da sua elaboração como intelectual e da força ética de sua conduta, é fundamental observar as correspondências entre sua atuação e obra: “(...) Ianni encarnou com radicalidade suas próprias ideias a respeito da sociologia e do papel social do sociólogo” (Botelho, 2004: 09).

Por fim, no âmbito de seu trajeto profissional, convém salientar um fator decisivo ao engajamento pós-1964, no qual Ianni se inseriu de forma acentuada: a consolidação da indústria cultural nos anos 1960 e 1970 junto ao desenvolvimento de um expressivo mercado de bens simbólicos no segmento editorial disposto a consumir produtos culturais de contestação à ditadura (Ortiz, 1999). Isso fica evidente, por exemplo, com “o êxito da *Revista Civilização Brasileira*, publicação de esquerda em forma de livro que chegaria a mais de vinte mil exemplares de tiragem entre 1965 e 1968” (Ridenti, 2010: 98).

Desse modo, correlata à sua produção nos periódicos do Centro como *Estudos Cebrap* e *Cadernos Cebrap*, Ianni teve importante colaboração na Revista e na Editora Civilização Brasileira, comandadas por Ênio Silveira e nas quais publicou a maior parte dos seus livros nos decênios de 1960 e 1970. De acordo

com Francisco de Oliveira, Ianni “era muito prestigiado pela editora. Acho que, naquela fase, todos os livros dele saíram pela Civilização Brasileira (...)” (Ridenti e Mendes, 2012: 602).

São os exemplos de *Política e revolução social no Brasil* (1965), organizada em parceria com Gabriel Cohn, Paul Singer e Francisco Weffort; *Estado e capitalismo* (1965); *O colapso do populismo no Brasil* (1968); *Sociologia da sociologia latino-americana* (1971); *Estado e planejamento econômico no Brasil* (1971); *Imperialismo na América Latina* (1974); *A formação do Estado populista na América Latina* (1975); *Ditadura e agricultura* (1979); e *A ditadura do grande capital* (1981).

Além da Civilização Brasileira, teve obras produzidas também por outras editoras, todas de oposição à Ditadura (Maués, 2013), como *Imperialismo e Cultura* (1976) e *A luta pela terra* (1978), pela editora Vozes; *Sociologia e Sociedade no Brasil* (1975), pela Alfa-Ômega; *Escravidão e Racismo* (1978) e *O ABC da Classe Operária* (1980), pela Hucitec, assim como, pela Ática, escreveu a introdução e organizou os textos do livro *Marx: sociologia* (1979), da Coleção Grandes Cientistas Sociais, coordenada por Florestan Fernandes.

## Considerações finais

“Só aquele que se coloca pura e simplesmente ao serviço de sua causa possui, no mundo da ciência, ‘personalidade’”.

(Max Weber, 2011 [1917]: 31)

A obra de Octavio Ianni, vista em seu conjunto de cinco décadas, é bastante multifacetada, com alcances e limites, alguns temas suscitando profícuo debate, outros sendo menos influentes, porém, de forma incessante, buscando compreender o lugar do Brasil no capitalismo mundial, assim como os obstáculos que o haviam impedido de se tornar moderno. No âmbito de uma pesquisa em andamento que tem o pensamento social e político brasileiro em geral e a trajetória intelectual de Octavio Ianni em particular, nosso intuito é aprofundar a análise dessa obra em suas sequências e interrupções, continuidades e discontinuidades.

Torna-se fundamental, portanto, buscar localizar seu pensamento na tradição intelectual e no quadro histórico em que se inserem. Desse modo, entendemos que a sua sociologia crítica teve a sua formação nas décadas de 1950-1960 em um momento acadêmico muito específico nos anos em que foi membro da Escola Paulista de Sociologia, sob a regência de Florestan Fernandes, participou

do Seminário Marx e ficou com a incumbência de analisar o Estado brasileiro no Cesit. A passagem por essas três instituições foi fundamental para sua construção intelectual, que se consolidou no ambiente em que iniciou a docência em 1956, na USP, e em meio ao golpe de 1964, ao endurecimento da repressão e da censura com o AI-5, em 1968, e a cassação do seu direito de lecionar em 1969.

No início dos anos 1970, um impasse. Impedido pelos militares de lecionar devido à aposentadoria forçada, precisava de um ambiente no qual pudesse continuar o seu trabalho. Nesse instante, sua trajetória adquire um duplo percurso: no âmbito *profissional*, após a contrariedade em trabalhar em uma instituição financiada com recursos americanos, o sociólogo aceita o convite, mas não se integra de forma plena ao Cebrap, que pouco a pouco inicia um movimento de aproximação com empresários e partidos políticos; no domínio *intelectual*, aprimora sua orientação crítico-marxista e produz análises implacáveis sobre as relações entre Estado e sociedade em publicações/investigações sobre as classes sociais, o capitalismo, o populismo, a dependência e o imperialismo, vistos pelo ângulo da sociedade.

Em torno dessa temática, como pano de fundo, buscamos dar ênfase a uma investigação mais ampla sobre autonomia intelectual. Como conciliar um ambiente de trabalho com o qual não se identificava plenamente e, ao mesmo tempo, concretizar – como fez – estudos profundos, à raiz do problema? Nesse sentido, levantamos duas hipóteses de como, acreditamos, o sociólogo procurou nos anos 1970 equilibrar essa tensão permanente entre *trajetória profissional* e *percurso intelectual* sem renunciar à independência do pensamento e, nessa justaposição, produziu contribuições valiosas de uma sociologia política marxista.

A primeira delas reside no *confronto de ideias*, ou seja, no fato de que, mesmo tendo um temperamento discreto e respeitoso, Ianni nunca se omitiu em participar dos projetos e embates em discussão no Cebrap. Como demonstrado no trecho da entrevista de Francisco de Oliveira, Ianni esteve presente nessas disputas e não se furtava a colocar o seu posicionamento, mesmo que, para isso, por vezes, entrasse em rota de colisão com outros membros: “O Octavio tinha uma presença muito forte. Ele era do quadro do CEBRAP, então ele estava em todos os debates, todas as intervenções” (*apud* Ridenti e Mendes, 2012: 612).

Esse confronto fica evidente nas falas de Giannotti, uma espécie de líder intelectual do Centro: “Acho que houve dois momentos de tensão no Cebrap. Primeiro com o Octávio Ianni” (Giannotti, 2009: 63). Assim como nos dizeres de Fernando Henrique, o representante político: “Uns não se integraram muito bem. O Ianni nunca se integrou propriamente, nunca se sentiu à vontade no

Cebrap” (Cardoso, 2009: 39). Ambos não consideravam o pensamento de Ianni dialético e científico, pois seria mecanicista, estaria contaminado pela ideologia revolucionária marxista. Sobre a perspectiva de Marx, Ianni escreveu a Introdução e organizou os textos de *Marx: sociologia*, em 1979, para a Coleção Grandes Cientistas Sociais, coordenada por Florestan Fernandes, e publicou o livro *Dialética e capitalismo: ensaio sobre o pensamento de Marx*, em 1983. Da mesma forma, com sinal invertido, Ianni supunha o pensamento dos colegas induzido pela ideologia liberal. Acusavam-se de se deixar influenciar pela ideologia política – embora todos partilhassem da busca do conhecimento objetivo, científico.

A segunda se encontra nos seus *diálogos intelectuais*, isto é, da mesma forma em que havia certo desconforto, também é possível ver nos prefácios em suas obras publicadas no período como Ianni compreendia a separação entre confronto e diálogo e nunca deixou de agradecer ao Cebrap e destacar o conjunto das pesquisas e as condições de trabalho para a realização de seus estudos.

No Cebrap, construiu e/ou manteve intercâmbio com nomes importantes, como Juarez Brandão Lopes, Francisco de Oliveira e Lúcio Kowarick, citados nominalmente no prefácio de *Estado e planejamento econômico no Brasil* (1971), da mesma forma que preservou discussões científicas e de amizade com outros intelectuais que nunca fizeram parte do Cebrap como Florestan Fernandes, Gabriel Cohn, José de Souza Martins, Sedi Hirano e Ênio Silveira.

Nesse duplo movimento *confronto/diálogo*, vimos a opção do intelectual que radicalizou seu posicionamento ético-político em três sentidos distintos. No *plano intelectual*, empenhou-se em demonstrar a centralidade do caráter de classe da Ditadura para compreender suas origens, bem como seu legado, na mesma proporção em que esta se tornou mais violenta com as classes subalternas e operárias, além de repressiva em relação aos artistas e intelectuais de oposição. De acordo com Gabriel Cohn (2004, s.p.), a “feição inflexível que, sobretudo nos anos 1970 e no início dos 1980, está presente em muitos de seus textos exprime muito mais o estigma dos tempos (...)”. Escolha diversa de outros intelectuais, que encontraram maior acomodação a essas circunstâncias.

No âmbito *profissional*, buscamos esclarecer certas circunstâncias do seu posicionamento científico em relação ao Cebrap e sugerir indícios de como o sociólogo buscou inserção no processo de expansão da indústria cultural em seu segmento editorial disposto a consumir produtos de contestação à Ditadura e, dessa forma, produziu obras fundamentais, associando sua atuação sociológica às “tarefas do intelectual público sempre pronto ao diálogo e ao debate de ideias com diferentes grupos da sociedade” (Botelho, 2004: 02).

Finalmente, no *domínio político*, a alegação de Ianni era de que o Centro já não cumpria mais a sua função de resistência, o que justificaria sua saída. Somado a isso, nas entrelinhas, é possível supor, quando Francisco de Oliveira declara que “o italiano enxergava longe”, a intenção de demonstrar a percepção de Ianni de que não havia como continuarem juntos no Cebrap pesquisadores que se mantinham à esquerda e unidos a uma crítica sociológica radical, como ele próprio, enquanto outros, críticos seus e líderes do grupo, como Fernando Henrique Cardoso e José Arthur Giannotti, caminhavam ao centro e amenizava essa crítica. As divergências entre esses intelectuais se tornaram, assim, incontornáveis.

## Referências

- BIANCHI, Álvaro. Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio *trent'anni dopo*. *Lua Nova*. São Paulo, n. 70, pp. 39-82, 2007.
- BOTELHO, André. Octavio Ianni: a sociologia como vocação. *Achegas.net*: revista de ciência política. Rio de Janeiro, n. 17, maio/jun. 2004. Disponível em: [http://www.achegas.net/numero/dezessete/botelho\\_ianni\\_17.htm](http://www.achegas.net/numero/dezessete/botelho_ianni_17.htm). Acesso em: 15 jul. 2021.
- BOTELHO, André. *O retorno da sociedade*: política e interpretações do Brasil. Petrópolis, Vozes, 2019.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo, Editora Hucitec, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A cultura do contra. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 07 de maio de 1978.
- CANDIDO, Antonio. Radicalismos. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 4, n. 8, jan.-abr. 1990, pp. 4-18.
- CANDIDO, Antonio. Entrevista. *Trans/Form/Ação*. Marília, número especial, v. 34, 2011, pp. 03-13.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Entrevista. In: MONTERO, Paula e MOURA, Flavio. (Orgs.) *Retrato de grupo*: 40 anos do Cebrap. São Paulo, Cosac Naify, 2009, pp. 19-49.
- CARDOSO, Fernando Henrique. FHC conta como Cebrap o aproximou de Ulysses e Lula na ditadura. *Folha de S. Paulo*, 12 de maio de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/05/fhc-counta-como-cebrap-o-aproximou-de-ulysses-e-lula-na-ditadura.shtml?origin=uol>. Acesso em: 02 de junho de 2021.
- COHN, Gabriel. A longa viagem de Octávio Ianni. *Teoria e debate*. São Paulo, n. 58, Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2004/06/17/a-longa-viagem-de-octavio-ianni/>. Acesso em: 28 de março de 2021.

- COUTINHO, Carlos Nelson. Uma imagem marxista do Brasil. In: IAMAMOTO, Marilda Villela e BEHRING, Elaine Rosseti. (Orgs.) *Pensamento de Octavio Ianni: um balanço de sua contribuição à interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2009, pp. 55-65.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. São Paulo, Expressão Popular, 2011.
- GIANNOTTI, José Arthur. *Trabalho e reflexão: ensaios para uma dialética da sociabilidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- GIANNOTTI, José Arthur. Entrevista. In: MONTERO, Paula e MOURA, Flavio. (Orgs.) *Retrato de grupo: 40 anos do Cebrap*. São Paulo, Cosac Naify, 2009, pp. 50-71.
- HIRANO, Sedi. Poder, lutas sociais e cidadania na América Latina. In: FALEIROS, Maria Izabel Leme e CRESPO, Regina Aida. (Orgs.) *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octavio Ianni*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, pp. 203-219.
- IANNI, Octavio. A vocação política das ciências sociais. *Trans/Form/Ação*. Marília, v. 2, 1975, pp. 114-124.
- IANNI, Octavio. Entrevista. In: TRINDADE, H. *Ciências sociais no Brasil: diálogos com mestres e discípulos*. Brasília, Anpocs; Liber Livro Editora, 2012.
- LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. *Cadernos AEL*. Campinas, n. 8, v. 14-15, 2001, pp. 53-95.
- LÖWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo, Livraria de Ciências Humanas, 1979.
- MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo, Boitempo, 2010 [1843].
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política, Livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo, Boitempo, 2017 [1894].
- MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil (1974-1984)*. São Paulo, Publisher Brasil, 2013.
- OLIVEIRA, Francisco de. Octavio Ianni: saudades e lições (Orelha). In: IAMAMOTO, Marilda Villela e BEHRING, Elaine Rosseti. (Orgs.) *Pensamento de Octavio Ianni: um balanço de sua contribuição à interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2009.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1999.
- ORTIZ, Renato. A tensão da ironia apaixonada. *Jornal da Unicamp*, Edição 248. Universidade Estadual de Campinas, 19 a 25 de abril de 2004. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp\\_hoje/ju/abril2004/ju248pago6.html](https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/abril2004/ju248pago6.html). Acesso em: 16 de setembro de 2021.
- ORTIZ, Renato. Octávio Ianni: a ironia apaixonada. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 10, n. 20, v. 10, jun./dez. 2008, pp. 319-328.

- RAGO FILHO, Antônio. A filosofia de José Arthur Giannotti: marxismo adstringido e analítica paulista. *Verinotio*. [On-line], n. 9, v. 5, nov. 2008. Disponível em: <http://www.verinotio.org/conteudo/o.79972783923124.pdf>. Acesso em: 07 de junho de 2008.
- RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo, Editora UNESP, 2010.
- RIDENTI, Marcelo e MENDES, Flávio da Silva. Do dualismo ao ornitorrinco: entrevista com Francisco de Oliveira. *Caderno CRH*. Salvador, v. 25, n. 66, dez. 2012, pp. 601-622.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” em São Paulo (1958-1978). 2011. 565 f. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SALLUM JÚNIOR, Brasília. Notas sobre o surgimento da Sociologia Política em São Paulo. *Política & Sociedade: revista de sociologia política*. Florianópolis, n. 1, v. 1, set. 2002, pp. 73-86.
- SORJ, Bernard. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- WEBER, Max. A ciência como vocação. In: \_\_\_\_\_. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo, Cultrix, 2011.

Recebido em: 02/05/2022

Aprovado em: 17/01/2023

### **Como citar este artigo:**

- SANTOS, André da Rocha. Uma sociologia crítica radical: Octavio Ianni no Cebrap e seus críticos. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 13, n. 1, jan. - abril. 2023, pp. 253-276.